

RELAÇÕES ENTRE SKATE, GÊNERO E ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER EM BELO HORIZONTE¹

Recebido em: 10/03/2024

Aprovado em: 02/09/2024

Licença: 

*Cecília Isaura de Araújo e Silva*²
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil
<https://orcid.org/0009-0004-0925-1284>

*Vitor Lucas de Faria Pessoa*³
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-6298-7440>

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é analisar se os espaços públicos de lazer destinados à prática do skate em Belo Horizonte são acessíveis e acolhedores para as mulheres. A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados indicam que as participantes da pesquisa enfrentam diversas dificuldades decorrentes de sua condição de mulheres skatistas, incluindo a falta de apoio e representatividade nas pistas, a desvalorização do esporte feminino, manifestada por premiações desiguais entre os gêneros em competições, além de situações de assédio, preconceito tanto na sociedade quanto no ambiente familiar, e a falta de tempo devido às triplas jornadas de trabalho, entre outros desafios.

PALAVRAS-CHAVE: Skate. Gênero. Espaços públicos de lazer.

THE RELATIONSHIPS BETWEEN SKATEBOARDING, GENDER, AND PUBLIC LEISURE SPACES IN BELO HORIZONTE

ABSTRACT: The aim of this research is to analyze whether public leisure spaces designated for skateboarding in Belo Horizonte are accessible and welcoming to women. The methodology adopted was based on a qualitative approach, using semi-

¹Agradecemos as valiosas contribuições dos professores Luciano Pereira da Silva e Brisa de Assis Pereira na avaliação da versão preliminar deste trabalho, debatido na banca de Trabalho de Conclusão de Curso da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Graduada em Educação Física pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Pós-doutorado em andamento pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG). Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (2022-2024). Doutor e Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG).

structured interviews. The results indicate that the research participants face various challenges stemming from their condition as female skateboarders, including a lack of support and representation in skateparks, the devaluation of women's sports, evidenced by unequal prizes between genders in competitions, as well as incidents of harassment, prejudice both in society and within the family environment, and a lack of time due to the demands of triple work shifts, among other challenges.

KEYWORDS: skateboarding. Gender. Public leisure spaces.

Introdução

O objetivo desta pesquisa é identificar se os espaços públicos de lazer destinados à prática do skate em Belo Horizonte são convidativos para as mulheres. Além disso, investigaremos as dificuldades enfrentadas por mulheres skatistas, a partir de entrevistas realizadas em algumas pistas de skate da capital mineira. Não poderíamos iniciar este texto sem apresentar uma espécie de preâmbulo de como alguns fatores levaram a constituição deste projeto de pesquisa, visto que sem eles, este estudo não seria possível.

Este artigo é o resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso iniciado na Universidade Federal de Minas Gerais, fruto do diálogo entre uma aluna de graduação, cuja trajetória foi significativamente marcada pela prática do skate, inclusive em âmbito competitivo, e um professor que tem se relacionado com esse fenômeno cultural há cerca de quinze anos. Embora a pesquisa não se configure como um estudo etnográfico, nos inspiramos em algumas perspectivas antropológicas para estabelecer nosso ponto de partida enquanto postura epistemológica no contexto acadêmico. Partimos do pressuposto de que a trajetória pessoal dos pesquisadores pode e, em alguns casos, deve estar intimamente relacionada com seu fazer acadêmico, algo que também impacta a forma como se estabelece a relação entre os "pesquisadores" e os "pesquisados". Neste artigo, não buscaremos analisar as mulheres skatistas de Belo Horizonte com o objetivo

de classificá-las em categorias, mas sim compreender *com* essas mulheres as diferentes formas de existir enquanto agentes que constituem essa manifestação cultural. Nas palavras de Ingold (2019, p. 11):

O tipo de antropologia que eu defendo aqui tem um propósito diferente. Não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros; não se trata de colocá-los em seu lugar ou consigná-los à categoria dos “já conhecidos”. Ao contrário, trata-se de compartilhar da sua presença, de aprender com as suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana poderia ser, das suas condições e possibilidades futuras.

É nesse sentido que buscaremos aprender com a sabedoria dessas mulheres sobre como é ser uma skatista nas pistas públicas de Belo Horizonte. É importante ressaltar que, a partir dessa perspectiva, conhecimento e sabedoria assumem significados distintos: “o conhecimento buscar fixar as coisas nos conceitos e nas categorias de pensamento, explicá-las e torná-las, até certo ponto, previsíveis”, enquanto a sabedoria “ao contrário, é aventurar-se pelo mundo e assumir o risco de se expor ao que acontece lá. É compartilhar da presença de outros, prestar atenção, importar-se” (Ingold, 2019, p. 12). Levando em consideração esses pressupostos, nada mais justo do que iniciar este texto apresentando a trajetória pessoal da autora, que motivou e influenciou significativamente a realização desta pesquisa.

Sua relação com o skate se iniciou aos 13 anos na pista do Nova Zoo, localizada no bairro Nova Floresta, em Belo Horizonte. Desde então, o skate tomou um espaço enorme em sua vida. Nessa época, ela andava com um grupo de quatro amigos, todos homens. Havia uma distância entre sua casa e a pista, o que impossibilitava a prática frequente. Em 2014, um ano depois que começou a andar de skate, foi inaugurada no Parque Fazenda Lagoa do Nado, um local muito próximo de onde morava, uma pista

composta por três bowls⁴, o que, para ela, foi a realização de um sonho. Ela lembra da sensação e do brilho nos olhos no dia da inauguração.

A partir desse ano, a prática se tornou frequente, e ela passava o dia inteiro na pista, do horário de abertura até o fechamento. Nesses anos todos de prática, sempre houve um sentimento que a incomodava: a falta de praticantes mulheres. Mesmo que tivesse amigos que andavam de skate com ela, em determinadas situações, sentia-se excluída. A falta de representatividade no ambiente muitas vezes a desmotivava a andar.

Existe em Belo Horizonte um coletivo de skate de meninas chamado “Minas do Skate”, que, de vez em quando, marcava sessões de skate das minas, e nesses dias ela era uma skatista mais feliz, de certa forma, mais completa. Entretanto, a grande maioria das meninas andava na categoria street⁵ e não de vertical⁶, que era a sua categoria. A presença majoritariamente masculina nas pistas fez com que vivenciasse situações em que suas habilidades no skate foram constantemente julgadas, sempre de forma pejorativa.

Ao longo de suas práticas, participou de alguns campeonatos: 1º lugar no Anchieta Pool Party de 2015; 3º lugar no Anchieta Pool Party de 2017, homologado pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK); 1º lugar Best Trick Minas no Skate Nova Zoo de 2017; 7º lugar no 1º BH Skate Invasion de 2017, etapa do Campeonato Brasileiro (homologado pela CBSK). Todos os campeonatos ocorreram na cidade de Belo Horizonte. Esses foram os que teve coragem de participar, pois muitos outros a deixavam envergonhada devido ao pequeno número de participantes femininas e à falta de incentivo do público que predominantemente ocupava a pista: o masculino.

⁴ Bowls são uma espécie de “piscinas” de concreto, onde os skatistas andam de skate.

⁵ A modalidade de skate street é voltada para manobras realizadas no solo, sendo em pistas ou em ruas. É uma das primeiras modalidades do skate. Não necessita obrigatoriamente de pista.

⁶ A modalidade de vertical, conhecida também como Park, é uma categoria que depende de pistas de skate que possuem rampas íngremes, bowls, half pipe, mini ramps, etc.

Vivemos em uma sociedade em que as mulheres necessitam o tempo todo se posicionar para serem valorizadas, tanto no ambiente de trabalho, em casa e até mesmo nos ambientes que escolhem estar no seu lazer. Segundo Stoppa e Isayama (2017) a prática de esportes de mulheres em seu tempo de lazer não se refere nem mesmo a 50% do índice masculino. Tendo em vista que o esporte também é um direito presente na Constituição (Brasil,1998)⁷, as possibilidades de experimentar a prática do skate pelas mulheres deveriam ser maiores do que é atualmente. Nessa perspectiva, é de suma importância entender o motivo desse baixo índice da prática esportiva por parte das mulheres, quando comparado aos homens. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha⁸, o número de praticantes de skate no Brasil em 2015 foi cerca de 8,5 milhões, dos quais apenas 19% eram mulheres, o que corrobora com o dado presente no trabalho citado por Isayama e Stoppa, referente ao baixo índice de mulheres praticando esporte.

Compreendemos o lazer como uma necessidade humana e uma dimensão da cultura que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelas pessoas (Gomes, 2014). Nesse sentido, é fundamental analisarmos como o público feminino tem se relacionado com esse fenômeno, visto que além de se constituir como uma necessidade ontológica do ser humano é um direito social garantido pelo Artº 6 da Constituição Federal (Brasil, 1998). Além disso, acreditamos que o lazer possui um caráter emancipatório, trazendo, através das manifestações culturais, possibilidades de ampliação da perspectiva crítica e do capital cultural das pessoas que experimentam os seus diversos conteúdos culturais:

A potencialidade emancipadora do lazer está fundamentada em seu caráter educativo, não que esta seja sua última finalidade, mas na fruição de

⁷ Constituição Brasileira de 1998.

⁸ HIROSHI, Hiroshi. 8 dados sobre o skate que você nem imagina. Redbull. 2017.

manifestações culturais aprende-se pela experiência [...] é neste contexto em que o experimentar se torna transformador (Pessoa, 2020, p. 110).

Existem muitos espaços públicos em Belo Horizonte voltados para a prática do skate, como, por exemplo, o Parque Nossa Senhora da Piedade, o Parque Mangabeiras, o Parque Lagoa do Nado, a Esplanada do Mineirão, o Bowl do Anchieta, a Pista de Skate do Nova Zoo e a Pista da Serra. Levando em conta a experiência pessoal da autora, é possível perceber que a maioria das pessoas que utiliza esses espaços é composta por homens. O ambiente em que estamos pode possibilitar ou limitar a prática esportiva. É pertinente considerar a relação entre essa realidade e o fato de que a apropriação dos espaços públicos de lazer para a prática do skate é predominantemente masculina, o que pode tornar esses espaços menos convidativos para as mulheres.

Historicamente, o skate é uma prática mais associada ao público masculino do que ao feminino, o que resulta em oportunidades diferentes para homens e mulheres. (Figueira, 2009). Desde premiações de campeonatos e patrocínios até o reconhecimento midiático, o skate feminino é frequentemente invisibilizado em comparação com o skate masculino. Assim, considerando a desigualdade de gênero presente no esporte, é possível afirmar:

É notória a posição de centro ocupada pelos homens que, em virtude disso, é tomada como referência. As mulheres são as outras, estão à margem e, por assim ser, disputam posições de sujeito, pois como qualquer produto da cultura, o skate é um território pleno de embates, inclusive de gênero. Um espaço que demanda disputas por significação e existência. (Figueira, Goellner, 2009, p.99).

Portanto, é necessário debater a diferenciação no tratamento de gênero no esporte, que, em teoria, deveria ser acessível a todos, independentemente de gênero. No entanto, é possível destacar diversas situações em que o sexismo está presente no skate. No artigo escrito por Márcia Figueira, “Skate para mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção” (2008), a autora busca na historiografia fragmentos sobre a

prática do esporte pelas mulheres. Nessa pesquisa, foi realizada uma análise do livro “Onda Dura: Três Décadas de Skate no Brasil”, no qual, das 105 páginas, apenas duas apresentam fotos de mulheres, e essas imagens não mostram as mulheres realizando manobras de skate. Em vez disso, as fotos retratam as mulheres como símbolos de beleza corporal. Em contrapartida, Figueira discute outros registros da mesma época, escritos por mulheres, que relatam as evoluções do skate feminino. As fotos nesses registros mostram mulheres realmente andando de skate e realizando manobras. Além disso, a autora documenta informações sobre Leni Cobra, a primeira brasileira a vencer um campeonato de street em 1987. Além disso, em 2006, durante o campeonato mundial de skate na Alemanha, Sandro Dias, Daniel Vieira e Karen Jonz foram os vencedores. No entanto, a revista “100% Skate” publicou uma reportagem que destacou exclusivamente a vitória masculina, omitindo o feito inédito de Karen Jonz, que se tornou a primeira brasileira a vencer o campeonato mundial feminino de vertical (Figueira, 2009). Mais uma vez, as mulheres foram deixadas à margem, mesmo após alcançar o primeiro lugar com todas as suas habilidades e manobras. Apesar do reconhecimento internacional, Karen Jonz não recebeu a devida valorização pelos principais veículos de divulgação de skate em seu país.

Levando em conta todos esses aspectos, este trabalho pretende pesquisar e compreender as relações que se estabelecem entre o skate, gênero e apropriações de espaços públicos em Belo Horizonte. Mais especificamente, buscaremos observar se os espaços públicos de lazer que são reservados para a prática do skate são convidativos para as mulheres; analisar se há oportunidades equivalentes para homens e mulheres skatistas tanto no âmbito do lazer quanto no âmbito profissional e investigar quais são os impasses que uma mulher enfrenta por ser uma skatista em Belo Horizonte.

Em relação aos aspectos metodológicos⁹, a abordagem escolhida para a pesquisa foi de caráter qualitativo, realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, que são concebidas como uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento (Laville e Dionne, 1999). Ademais, Marconi e Lakatos (2004) revelam que, o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada, o que permite possibilidades mais amplas para a captação de percepções e sentimentos das entrevistadas sobre a área pesquisada.

Com o propósito de obter uma compreensão efetiva sobre a temática, o delineamento das voluntárias da pesquisa foi realizado através da metodologia da “bola de neve”, isto é:

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/o informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise (Vinuto, 2014, p 203).

A escolha da primeira entrevistada foi feita por conveniência dos pesquisadores. O contato inicial foi por meio das redes sociais, com o objetivo de convidar a participante a responder a entrevista e encontrar um local e horário para a realização da mesma. A escolha da próxima skatista para responder às questões foi feita de acordo com a sugestão dada pela primeira entrevistada. Todos os contatos iniciais foram realizados por meio de redes sociais, especificamente o Instagram e o WhatsApp. Ao

⁹ Gostaríamos de ressaltar que o estudo tomou como referência as orientações éticas em pesquisa com seres humanos, conforme preconiza a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil (Brasil, 1996).

todo, foram contatadas oito mulheres skatistas e sete se dispuseram a participar da pesquisa. Foram atribuídos nomes fictícios a elas, respeitando a não exposição dos dados sensíveis das participantes, sendo eles: Conceição, Maria Fernanda, Jamille, Weldra, Rafaela, Iasmin e Maria Julia. Todas essas mulheres possuem mais de 18 anos e foram entrevistadas após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹⁰. Após a sétima entrevista, foi observada a saturação dos dados, gerando a interrupção das mesmas. As coletas de dados foram realizadas integralmente em pistas de skate de Belo Horizonte, as quais as voluntárias tinham o hábito de frequentar.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio utilizando um aparelho celular, mediante a autorização das participantes. Posteriormente, foram inteiramente transcritas em um documento, todas as expressões utilizadas pelas skatistas foram mantidas da forma original. As entrevistas foram analisadas à luz do método de análise de conteúdo. “O método tem como princípio desmontar a estrutura e os elementos do conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (Laville, Dionne, 1999, p 214). As entrevistas foram lidas, relidas, a fim de se conhecer o que está por trás da fala das mulheres (Bardin, 2004), para entender as percepções e pontos em comum entre elas, com intuito de formular as categorias analíticas, foi utilizado o “Modelo Aberto”. Essa abordagem é definida por Laville e Dione (1999, p. 219) como:

O pesquisador parte com um certo número de unidades, agrupando as de significação aproximada, para obter um primeiro conjunto de categorias rudimentares. Esse conjunto constitui o ponto de partida de um procedimento que, por etapas sucessivas, conduzirá às categorias finais (Laville; Dione, 1999, p. 219).

A partir da leitura dos dados obtidos, foram criadas três categorias de análise, sendo elas: “Tinha uma pedra no meio do caminho”, que debate sobre as dificuldades de ser uma mulher skatista; “Entre o Drop e a boneca”, que discorre sobre a generificação

¹⁰ UFMG. TCLE / TALE. Comitê de Ética em Pesquisa.

das práticas e a influência disto dentro do skate e “Empoderamento Sobre Rodas: a união e representatividade do skate feminino”, que trata de como as skatistas transformam as dificuldades enfrentadas em motivação e superação para continuarem a andar. As três categorias serão apresentadas a seguir.

Tinha uma Pedra no Meio do Caminho

A grande maioria das skatistas, provavelmente já viveu momentos em que ao andarem de skate, uma pequena pedra atravessou seu caminho, fazendo com que a roda ou o rolamento¹¹ travassem e uma queda acontecesse. Paralelamente a isso, existem “pedras” que dificultam a prática feminina no skate, nesta categoria de análise, iremos abordar alguns desses empecilhos. Inicialmente, discutiremos a estrutura das pistas, segundo Pessoa *et al.* (2023, p. 263): “é preciso que exista um “espaço” para que o lazer aconteça, um que tenha segurança e toda a infraestrutura necessária.” A estrutura do ambiente, diz muito sobre quem são as pessoas que podem frequentar aquele local. Uma das problemáticas relatadas pelas entrevistadas é justamente a ausência de banheiros nas pistas de skate, revelando a carência de infraestrutura desse ambiente:

Tem a questão também da infraestrutura, de ter um banheiro adequado. Ter um local né se você precisar ir ao banheiro, igual tava comentando sobre a questão de estar menstruada, que é uma especificidade das mulheres, então você não tem uma estrutura adequada pra isso, que dificulta. Eu já cheguei a usar um ob e um absorvente pra vir andar. Com medo de vazar. Fora que eu evito sempre beber água por causa da falta de banheiro, mesmo com solzão rachando. Eu evito, porque sei que pra ir no banheiro eu tenho que andar 3 quarteirões e contar com a boa vontade de comerciantes de deixarem eu usar o deles (Rafaela).

É possível identificar mais de uma problemática nesse trecho, em que a falta de estrutura prejudica a apropriação plena das mulheres nesses espaços. O fato da Rafaela evitar beber água, mesmo realizando atividades em que o movimento é constante, em

¹¹ Roda e Rolamento - componentes da estrutura do skate, é por meio deles que acontece o deslocamento do skate.

temperaturas elevadas é grave, podendo ser considerado um ambiente insalubre, visto que a hidratação é fundamental quando falamos de altas temperaturas associada à prática de atividades físicas.¹² Somado a isso, há a questão apontada pela entrevistada a respeito da menstruação, o que nos faz refletir, como um espaço que não te dá as condições mínimas de permanência com dignidade, pode ser convidativo? Respondendo a pergunta de maneira sucinta com uma fala de outra voluntária, Weldra, que disse “o ambiente é hostil para a prática da mulher, as pistas, não tem banheiro, o mínimo para podermos ter conforto”.

Além disso, outra questão que surgiu em relação à estrutura dos ambientes, é que quando existiam os banheiros, não havia trocadores. Das sete entrevistadas, três são mães: Rafaela, Weldra e Conceição. Logo, surgiram temas pertinentes para o debate entre maternidade e skate. Nos trechos abaixo, Rafaela, que possui um filho de 3 anos, conta um pouco de como foi a volta às pistas após ter tido seu filho e Conceição trás relatos sobre o sentimento de ser uma mãe skatista:

Eu consegui voltar a andar quando ele tinha 1 ano mais ou menos. Foi complicado porque tinha a questão do medo, da exaustão e também dessa logística, porque a gente ia com ele na pista, a gente trocava fralda dele na pista, literalmente. O meu marido¹³ fala “você é mais local do que geral aqui nessa Lagoa do nado, porque você trocou coco aqui” Eai foi tenso.. A gente ia muito na lagoa, com ele bebezinho, o banheiro lá não tem trocador. Então enfim, todas essas dificuldades. Eu só continuei andando, porque eu gosto muito, porque não tem nada favorável. É muito difícil. Eu falo que eu só continuo andando de skate porque eu gosto muito, porque se fosse depender das boas condições, eu não andaria. Porque sempre que eu venho andar de skate eu já tô morta, por causa do trabalho, por causa de cuidar do meu filho, de cuidar da casa. Então eu ando realmente porque eu gosto. E eu acho complicado, porque o fato de você estar cansada, você fica mais propício a ter uma lesão, se machucar e eu sinto que isso prejudica minha evolução no esporte porque, pra gente tentar coisas novas, a gente tem que estar disposta e tem que ter tempo pra isso. Então normalmente, sempre é muito complicado (Rafaela).

¹² Segundo Giroldo *et al.* (2022, p.540.) “a hidratação é de suma importância antes, durante e após a prática dos mais variados tipos de atividades físicas, podendo garantir que o rendimento físico esperado seja atingido, e que os problemas de saúde possam ser evitados”. Hidratação e Atividade Física. Revista Saúde em Foco.

¹³ O nome do companheiro foi suprimido para evitar qualquer tipo de identificação. Os autores optaram por utilizar a expressão “meu marido”.

Eu quando eu tive o João, eu pensei várias vezes “meu, eu não vou andar de skate nunca mais. Já ouvi de outras mães “Conceição, te dou moral, você é mãe, como você consegue conciliar com o skate?”. (...) Fora quando você é mãe e já escuta várias coisas, tem várias obrigações, aí você termina de fazer tudo e cadê o ânimo pra andar de skate? Mas a questão de ser mulher, como eu vou ser acolhida? Você vai ver na pista a mulher que é mãe não é acolhida. Até mesmo no artigo eu falo isso. Ela precisa falar “aquí segura o neném aqui pra eu dar um rolezinho”. E também tem o preconceito de “nossa que mulher veia, tá caçando skate, pedaço de pau, que coisa feia”(Conceição).

Nesse sentido, as falas das entrevistadas ressaltam a dificuldade de ser uma mãe skatista, o que corrobora com a escrita de Rocha (2023, p. 108) que diz sobre a provável dificuldade em aprender skate por ser mulher e mãe. É importante ressaltar que não estamos dizendo que por ser mãe, a mulher se torna incapaz de andar de skate, de forma alguma. Estamos discutindo o fato de que a maternidade envolve diversas responsabilidades, frequentemente atribuídas exclusivamente à mãe, além das obrigações profissionais e domésticas. Esse acúmulo de funções, aliado à falta de estrutura adequada nos espaços públicos, torna a prática do skate por mães mais difícil e desafiadora, conforme relatam as entrevistadas. É preciso então, um olhar sensível para esses obstáculos, entender que, os espaços precisam atuar como facilitadores da prática e não como mais uma das barreiras que a mulher terá de enfrentar. Rocha (2023, p. 108), revela a importância dessa sensibilidade e as adaptações do ambiente para a mulher, mãe e skatista:

O olhar cuidadoso com essa questão é um ponto importante nessa experiência que trata sobre a problemática do gênero e as injustiças sociais sofridas pelas mulheres. Uma das pautas [da pesquisa realizada pela autora] versou a respeito de como os espaços sociais necessitam de adaptações e precisam superar os preconceitos para acolher as mulheres e seus marcadores sociais. (Rocha, 2023, p. 108).

Outros entraves que as mulheres precisam enfrentar dentro e fora das pistas de skate, são o assédio e a discriminação, que muitas vezes se manifestam de maneiras “sutis” e outras vezes de formas explícitas e intimidadoras. Desde comentários

desrespeitosos até comportamentos invasivos, as mulheres skatistas enfrentam uma batalha diária pela sua segurança e respeito nas pistas. Nos trechos a seguir, há relatos das entrevistadas sobre essa problemática:

Acho que tem um assédio velado tipo, eu to andando de skate e aí vem um cara querendo “ajudar”, querendo encostar em mim. Umas críticas sem fundamento né da rapaziada, eu to aprendendo e quem aprende, erra também. E quando eu errava eu ouvia uma zoação e uns comentários ruins, chatos sabe? Pra te depreciar mesmo, sei lá, pra te fazer desistir, sabe? Uns comentários maldosos. Já rolou de um camarada me zoar falar que eu era poser e tal, poser porque? Porque eu não ando igual ele? Tem vez que eu vou dar role e eu to animadona assim, mas eu chego na pista e a energia baixa, sabe, quando o lugar não é tão convidativo assim? (Maria Julia).

Antigamente, a gente usava mais roupa larga, agora, tem gente que anda de short, top, e aí? Cada um faz o que quer. Não é porque a mulher tá assim que tá sensualizando. Homem não pode ficar comentando. Eu já vivi momentos ruins, por causa de pessoas preconceituosas e ignorantes. [...] a gente tá andando em local publico, pode vir um homem e ficar ali olhando as pernas dela, olha o corpo dela, é foda. A gente vê os olhares sim. Desconfortável. Pensa uma menina oprimida ali, no meio dos caras. Eu lembro que uma vez eu tava participando de um campeonato, tinha uma menina com short bem curto, corpo muito bonito. Meu, ela tá com o short dela, ela faz o que ela quiser!!!! não me dá o direito de falar. Eu lembro que o narrador comentou algo elogiando, eu não achei legal. Não era skate isso. Ela ta ali pra andar de skate (Conceição).

Os depoimentos de Maria Julia e Conceição revelam as importunações enfrentadas por mulheres no contexto do skate. Maria Julia descreve situações de assédio velado, com comentários depreciativos e tentativas de desencorajamento por parte de alguns skatistas homens. Essas atitudes evidenciam a perpetuação de uma cultura machista e excludente, que busca deslegitimar a presença e a habilidade das mulheres no skate. Por outro lado, Conceição aborda a questão do julgamento do vestuário feminino, destacando a importância de respeitar a liberdade de cada mulher em se vestir como desejar, sem que isso seja interpretado como uma forma de "sensualização". Seu relato evidencia a necessidade de combater a objetificação do corpo feminino. Nesse mesmo sentido, Weldra aponta:

Eu como mulher e única mulher na pista, eu era muito sexualizada. Uma vez eu dei um soco, literalmente, na cara de um homem, que era 3x maior que eu. Porque eu estava sentada em um local mais alto e ele em pé. Porque ele me disse que tinha visto coisa minha que assim no momento do skate, eu não tava preocupada com isso. Eu tava andando e de calça, mas eu gosto até hoje de andar de top. Na situação, minha calça tava mais larga e ele disse que tinha visto alguma coisa ali. E foi a situação que mais me deixou assim, com muita raiva mesmo, muita mesmo, de estar ali, como única mulher andando de skate. Nesse dia eu tive que agir por impulso. Eu tive inclusive apoio de outros caras que tava perto, mas assim, sabendo que, aqueles mesmos que estavam ali, apoiando minha causa naquele momento, também já tinham sido desagradáveis em outras situações comigo (Weldra).

Segundo Machado (2013, p. 6) dentro do próprio universo do skate há alguns skatistas que menosprezam ou zombam da presença feminina. No entanto, isto não é algo perceptível à primeira vista, pois caso se pergunte para qualquer um dos homens, a resposta será sempre em tom de aceitação. Assim como podemos ver na fala de Weldra, que revela que recebeu apoio de skatistas homens nessa situação específica, sabendo que, os mesmos, já foram desagradáveis em contextos parecidos. Esse percalço do assédio e da discriminação da mulher no esporte não é algo novo, a história se repete, não só no skate, como nos demais esportes. A falta de segurança nos espaços públicos impacta diretamente na prática de lazer das mulheres, como consequência, isso pode reduzir ou limitar a prática nos ambientes, o que corrobora com estudos que debatem esta temática. Há um exemplo disso na fala de Maria Julia:

A primeira vez que eu remei foi na rua, eu fiquei uns três meses tentando remar. E sempre andando na rua de baixo da minha casa e sempre em horários noturnos porque aí não tinha ninguém na rua, porque toda vez que eu tentava andar de dia, alguém zoava, alguém mexia comigo, alguém me assediava, alguém mandava eu fazer uma manobra. E aí eu comecei a fazer isso, andar de skate na rua, nos horários noturnos (Maria Julia).

Levando em conta os relatos das skatistas acerca das barreiras físicas e simbólicas que impedem a apropriação desses espaços por parte das mulheres, podemos perceber desafios no contexto do skate, destacando-se a falta de estrutura adequada nas pistas, o que dificulta a participação plena e digna dessas praticantes. A ausência de banheiros e trocadores, bem como a falta de acolhimento às mães skatistas, evidenciam

a necessidade urgente de adaptações nos espaços públicos para torná-los verdadeiramente inclusivos. Além disso, o assédio e a discriminação, tanto velados quanto explícitos, perpetuam um ambiente hostil e intimidador para as mulheres, afetando não apenas sua segurança, mas também sua liberdade de desfrutar do lazer e da prática esportiva. Esses obstáculos, presentes não apenas no skate, mas em diversos outros esportes, reforçam a importância de um olhar sensível e de ações concretas para promover ambientes estruturados, garantindo que as mulheres possam desfrutar do skate em seu tempo de lazer sem preocupações e percalços.

Entre o Drop e a Boneca

No senso comum, muitas práticas esportivas não são vistas como uma possibilidade para as mulheres. Esta perspectiva se intensifica quando nos referimos aos esportes de aventura, como no caso do skate. Isso emerge desde antes do nascimento e perpétua após o mesmo.

As crianças não sendo socializadas e passam por um processo de inculcação sobre os “papéis” definidos quanto ao gênero: na gestação, a escolha da cor do enxoval exprime, simbólica e, por vezes, inconscientemente, futuras expectativas (Guerra, 2007, p. 139).

Somado a isso, nos chás de bebês os sexos são “revelados” a partir de cores, geralmente rosa para meninas e azul para meninos. Assim como o primeiro brinquedo da menina costuma ser uma boneca e o primeiro do menino costuma ser um carrinho. Neste tópico pretende-se debater a influência dessa generificação das práticas, que trás consequências para a prática feminina do skate. Conforme Michael Messner (1994), o esporte representa uma "instituição generificada" onde a estrutura e os valores refletem concepções predominantes de masculinidade e feminilidade.

A adolescência tem um significado social diferente para meninas e para os meninos. Enquanto os meninos são cada vez mais incentivados a explorar os espaços públicos, a desafiar seus próprios limites, até mesmo ver no esporte um espaço de ascensão profissional e socioeconômica. As meninas têm seus corpos muito mais controlados, recai sobre elas, quase que exclusivamente, a responsabilidade sobre as tarefas domésticas, os cuidados com irmãos e irmãs mais novas (Moura, 2024). A partir das falas das entrevistadas, foi constatado que, inicialmente, o preconceito com o skate começa dentro de suas próprias casas. Abaixo, segue alguns relatos sobre isso:

Já ouvi muito também mandarem eu brincar de boneca, da minha família, esse preconceito. “Que que cê tá fazendo andando de skate, velha desse jeito, você vai machucar!” Quando eu era mais nova, ouvia também “isso é coisa de menino, você vai machucar” (Maria Julia).

No primeiro momento a gente sofre até dentro de casa né, por ser um esporte mais masculinizado, a galera de casa já ficava meio assim...ah nossa, coisa de homem e tal. Então assim, é difícil você continuar numa parada que você quer, por ser um esporte masculino, o preconceito começa dentro de casa (Jamille).

Meus pais, inicialmente eles tinham preconceito, minha mãe já chegou a esconder meu skate, quebrar, eu ter que vender minhas roupas na rua em bazar pra comprar outro skate. Ela tinha o medo de me envolver com drogas [...] pelo fato de enxergar o skate como algo masculino e aí eu fui quebrando essa ideia dentro de casa mais na teimosia (Iasmin).

Um amigo meu me falou ontem no Barreiro que o pai da fulana minha aluna, quebrou o skate dela porque falou que não era pra andar. Já vi gente guardando skate de menina. Imagina a dor (Conceição).

De acordo com Adelman (2006), socióloga que tem como uma das suas vertentes de estudo o gênero, o esporte em particular tornou-se durante mais de um século, o lugar de disputas intensas sobre o que pode/dever fazer um “corpo masculino” ou um “corpo feminino”, o que, ainda sim, é refletido nos dias atuais. As famílias das entrevistadas associaram o skate a uma prática em que só o corpo masculino tinha a capacidade de executar, é possível verificar isso ao analisarmos um fragmento da entrevista da Maria Julia, “isso é coisa de menino, você vai se machucar”. Sendo assim,

o primeiro desafio das mulheres é quebrar esse paradigma das famílias, que não concordam com a prática do skate feminino, assim como relata Machado (2013, p.6):

As skatistas buscam estratégias para desmistificar, perante a família, a imagem de que praticam um esporte de “macho”, e para isto tentam construir um discurso de que o skate é uma prática para qualquer um e como qualquer outra. Em muitos casos a família só passa a aceitar (ou pelo menos a diminuir o preconceito) após alguns resultados práticos da skatista como, por exemplo, quando ela consegue boas colocações em campeonatos; quando aparece em meios de comunicação; quando consegue um patrocínio; etc., pois isto indica uma possibilidade dela vir a construir uma carreira promissora no esporte (Machado, 2013, p.6).

Nesse contexto, Iasmin, uma das voluntárias, relata sobre suas dificuldades dentro da sua casa por ser uma mulher que anda de skate. No trecho abaixo, revela a falta de autonomia para andar de skate, quando comparada ao seu irmão, também skatista:

Mas eu nunca tive a mesma liberdade de andar de skate igual meu irmão. Eu tenho um irmão que é skatista, então enquanto ele podia passar a tarde andando de skate, sem terem tanta preocupação de onde ele tava, eu primeiro, não podia sair sempre, porque eu tinha que arrumar a casa. A obrigação não era tão forte em cima dele e meus pais tinham medo de onde eu estaria andando, se era seguro ou não pra mim (Iasmin).

Nesse trecho, observa-se que o homem, simbolizado pelo irmão da entrevistada, desfruta da liberdade de andar de skate quando deseja, enquanto está isento das obrigações domésticas. Estas responsabilidades, na residência da entrevistada, recaem exclusivamente sobre a mãe e a filha, ou seja, sobre as mulheres, refletindo uma estrutura patriarcal ainda presente na sociedade. Entende-se que, há o medo dos pais sobre quais locais a filha estaria frequentando para andar de skate, novamente, a segurança dos espaços públicos se torna um ponto crucial para que a prática do skate feminina seja viabilizada. Essa preocupação vem do fato que as mulheres são alvos constantes de violência, podendo ser física, verbal, sexual, etc.

Concomitantemente, indo para dentro das pistas de skate, o cenário continua difícil, pois, os próprios skatistas, homens, por meio de algumas atitudes, prejudicam o

skate feminino. É possível identificar isso em alguns relatos, em que as mulheres falam sobre não conseguirem realizar o drop¹⁴ e mesmo na modalidade de street, os homens também não respeitam quando “é a vez” da mulher ir e “mandar a manobra”¹⁵. Segue alguns relatos dessas ocasiões:

Eu acho que uma das dificuldades é essa questão de chegar no role e não ter muitas mulheres, você ter dificuldade de andar porque a galera não deixa você dropar facilmente. Sempre tem um homem ali que vai fazer uma cara feia, tenta de inibir com a cara feia dele, então acaba que o role não flui, você sempre vai tá numa situação desconfortável que você não pertence aquele lugar. Então tem essa dificuldade (Rafaela).

Eu fico muito puta também, quando to andando e eles não sabem respeitar a ordem de cada um, até respeitam, mas quando chega na minha vez, não respeitam. Isso me deixa muito puta no viaduto, normalmente eu entro na frente. As vezes eu to perto do gap e fica uma galera né, encostada no gap e cada hora é um. E tem cara que me ve e fica na minha frente, ao invés de encostar ao lado para seguir a ordem, fica na minha frente. Vai mandar manobra, volta e fica na minha frente. Eu vou mesmo assim, entro e as vezes atrapalho e eu não to nem ai sabe. A gente tem que dar as cara e enfrentar eles. Eu entendo que é uma parada difícil assim sabe, porque às vezes a gente tá numa posição de fragilidade assim, às vezes você tá sozinha, você não sabe qual vai ser a reação dos caras, acho que quando a gente junta com uma amiga, a gente consegue se apoiar nesse sentido sabe? (Maria Julia).

Através dessas falas, percebemos que a mulher precisa se impor para poder conseguir fazer algo que na teoria também é direito dela. A presença masculina nas pistas, muitas vezes, dificulta a prática feminina do skate. O desrespeito presente no “atravessar” a vez de uma mulher é nítido, lê-se como uma mensagem de que as skatistas, não tem vez naquele lugar, gerando desconforto para as mesmas. Salientamos que, por mais que a Maria Júlia enfrente essa questão, há mulheres que não possuem a mesma coragem, entretanto, o fato de ter mais de uma mulher naquele local, facilita esse enfrentamento. De acordo com Zanatta (2019, p. 37): “encontrar mais mulheres que praticam o esporte ajuda na identificação das mesmas com o skate”. Jamille trás em

¹⁴ Drop é uma maneira de você descer rampas, bowls, half pipes, mini ramps. Muito utilizado na categoria de Park.

¹⁵ Mandar manobra é uma expressão utilizada pelos skatistas, sendo uma das formas da prática do esporte.

suas falas que sempre quando vê meninas com vergonha na pista, tenta ajudar, tenta impulsionar para que elas vejam que esse espaço é delas também.

Hoje em dia você chega nos lugares assim e você vê muita menina acanhada, pra andar, não se sentem à vontade. Eu converso com muita menina assim que tá começando e elas não se sentem bem. Os caras vê uma menina chegando com o skate debaixo do braço, quer sair atropelando, fazer coisa pra mostrar que sabe, parece que tipo, “marcar território” sabe? tipo, não chega perto. Sempre aconteceu isso e acho que tá longe de mudar na real. Desde que comecei a andar, eu consegui ter essa questão de conseguir andar nos lugares que eu chego, porque eu sempre impus isso, mesmo sendo nova, mesmo não conhecendo a galera assim. Eu sempre impus. Eu ia mesmo, eu ia pra cima, atropelava também se me atropelasse. Eu sempre busquei isso, mas não é todo mundo assim que tem isso. Eu sempre que vejo uma menina assim meio acanhada no rolê, eu chamo, busco e tento fazer com que ela fique á vontade pra andar, porque é um espaço pra gente também. Se elas não começarem a andar, a galera não vai respeitar, porque não respeita, cê tá ligada (Jamille).

O desrespeito com as mulheres nas pistas foi reproduzido, de acordo com as entrevistadas, em campeonatos amadores que ocorreram nos mesmos locais em Belo Horizonte. As voluntárias relataram alguns empecilhos sobre os eventos que participaram ou assistiram. Desde existir a própria categoria feminina, ocupar um cargo de juíza e premiações. Há distorções quando se compara a categoria masculina e feminina. É perceptível que, desde os primórdios das grandes competições esportivas, as mulheres enfrentaram e ainda enfrentam dificuldades para serem aceitas nesse meio, demonstrando que a busca por equidade de oportunidades de gênero no esporte é antiga (Melo, 2021). Isso tem uma relação direta com a generificação das práticas, antigamente, a dimensão espetacular do esporte, era aquela da qual a mulher deveria ser afastada, pois mobiliza paixões e energias despertando sensações e desejos nem sempre passíveis de serem controlados (Goellner, 2016, p. 33). Mesmo com tantas conquistas de espaço e direitos no meio esportivo, a sensação de que ainda existe um “controle silencioso” é presente. Através das entrevistas e das experiências vividas pelas skatistas foi possível identificar alguns problemas sobre as competições amadoras:

Eu vou pros campeonatos ser juíza, na hora de entregar minha planilha, eles ficam olhando procurando algo errado, porque foi uma mulher que fez. Sempre(...) Quando estou competindo, eles colocam a gente pra correr meio e dia, no sol rachando, a hora que todo mundo sai pra lancha. Cadê a visibilidade? Não to falando que a gente morre no sol... mas precisa de ser meio e dia? Tem uma questão humana, de empatia, que falta. As premiações, eu já ganhei samba canção. É serio, Deus sabe que eu não estou mentindo juntando todas, eu já devo ter ganhado mais de 40 bonés, calça, cueca, tênis enormes (Conceição).

Até pouco tempo atrás eu participei num evento do skate day que eu ganhei roupa masculina, assim, porra, tá me tirando né? Só porque eu ando de skate, você vem me dar roupa masculina, eu não sou homem carai! Sabe? Tipo assim, muita coisa mudou, mas obviamente, tem muita coisa pra mudar ainda. (..) Eu vou pra campeonato pra ganhar peça, essas coisas, pra fazer um dinheiro pra salvar uma conta, eu conseguir fazer uma outra viagem, arcar com os gastos que eu tive na viagem. Então querendo ou não, a gente cria uma expectativa ali, então na hora que você vai pegar a premiação, a premiação dos caras é um skate completo, com roupa, com mil coisas, tenis numeração ok pros cara. E pras minas tipo roupa de menino, tênis tamanho 40, que não dá nem pra você utilizar. Muitas meninas participam de campeonato pra ganhar premiação pra utilizar, porque não tem grana pra comprar, então, tipo assim.. Eu já ganhei tênis tamanho 42, eu calço 35. Tipo assim, obviamente, não tem como o cara descobrir, qual o tamanho que você calça, mas da pra você ter uma noção, mulher geralmente calça entre 35 e 39, vamo botar um tamanho aqui mediano, vamo botar roupa aqui feminina. Até pra vender fica difícil. Então assim, igual eu falei anteriormente, mudou, mas tem muita coisa pra mudar ainda (Jamille).

Conceição descreve a desconfiança que enfrenta quando atua como juíza em campeonatos, em que sua avaliação é julgada, presumivelmente porque foi preparada por uma mulher. Ambos os relatos apontam para uma falta de empatia e compreensão das necessidades das mulheres no skate. A insistência em fornecer prêmios masculinos e a escolha de horários desfavoráveis para as competições femininas são sinais claros de uma cultura que ainda não valoriza plenamente a participação feminina. Nesse mesmo sentido, Iasmin aponta:

A premiação nunca foi igual, a visibilidade nunca foi igual, o público nunca tava esperando as meninas andarem, tava esperando os meninos. O pior horário possível, debaixo do pior sol (Iasmin).

Normalmente a gente anda no pior horário, os caras andam no melhor horário quando o sol já tá baixo e a gente geralmente somos a primeira assim, num solzão do carai; E também na hora de tirar foto do pódio, ninguém nem olha pro feminino não vei. Ninguém presta atenção no feminino (Maria Julia).

Sempre colocaram mais pressão no sentido de emoção no campeonato masculino do que feminino. As premiações melhores são pro masculino. As

premiações do feminino sempre foram masculinas, ganhei tênis tamanho 41 que dei pro meu pai, nunca é pensado na gente assim sabe (Maria Fernanda).

Após a leitura dos fragmentos, foi possível identificar que os campeonatos não são pensados para as mulheres, desde o planejamento até as etapas de execução, tendo em vista que a grande maioria das premiações é masculina. Ainda há essa questão de invisibilizar o skate feminino, por que colocar a categoria no que é considerado o pior horário? Muitos organizadores justificam a falta de categoria feminina, alegando a falta de participantes. Mas, tendo em vista os empecilhos relatados, qual é o incentivo para que uma mulher participe desses campeonatos? Sabendo que a categoria será realizada nos horários menos favoráveis, que as premiações não serão tão atrativas quanto às do masculino e que haverá pouca cobertura fotográfica, torna-se evidente a disparidade. Ademais, quando as mulheres ocupam outras posições, como a de juíza, por exemplo, sua presença também é questionada, conforme destacado na fala de Conceição.

Diante das experiências compartilhadas pelas entrevistadas e da análise das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no contexto do skate, torna-se evidente a persistência de obstáculos significativos, tanto dentro quanto fora das pistas. Desde a infância, com a imposição de papéis de gênero tradicionais, até a participação em competições e eventos, as skatistas encontram barreiras que refletem uma estrutura social profundamente enraizada. A generificação das práticas esportivas contribui para a perpetuação de estereótipos e limitações para as mulheres, tornando necessário um constante esforço para desafiar e superar essas normas. A busca por equidade de oportunidades e reconhecimento no skate feminino demanda não apenas a resistência individual das skatistas, mas também uma transformação sistêmica que reconheça e valorize suas contribuições. Enquanto as vozes das skatistas continuarem a ser marginalizadas e suas conquistas desconsideradas, a luta por um espaço igualitário e

inclusivo no mundo do skate persistirá como um desafio crucial para a comunidade skatista como um todo.

Empoderamento sobre Rodas: União, Identidade e Representatividade do Skate

Feminino

Um dia não votava, também não estudava, de casa ela saiu, pra rua foi armada, armada de ousadia, o medo escondia, homem privilegiado mais sistema, oprimia. Um salve vai pras mina que na luta botam fé, lugar de mulher é onde ela quiser! No rap quebra a banca, no samba tira onda, reggaera fica a pampa, no funk é que manda. Acalma Bagunça. Se mostra. Bem como escolheu (Ela encanta – Marina Peralta).

O empoderamento feminino no skate emerge como um movimento pulsante, desafiando estereótipos e reivindicando espaços outrora dominados somente por homens. Mulheres de todas as idades e origens encontram no skate uma ferramenta de expressão pessoal, resistência e representatividade. Neste tópico, será debatido sobre como as skatistas lidam com os embates trazidos por serem mulheres que andam de skate em Belo Horizonte, como a união delas auxilia no enfrentamento dessas questões e a relação de identificação e superação que o skate estabelece em suas vidas.

Como outros esportes, o skate também é um território de embates, principalmente de gênero (Figueira; Gollner, 2009). Inicialmente, é importante dizer que todas as entrevistadas começaram a andar de skate sozinhas ou com homens, o que fez com que elas tivessem que enfrentar os empecilhos supracitados. Conceição e Weldra revelam em suas falas, os sentimentos sobre não ter apoio no início de suas trajetórias:

Quando eu comecei, eu não tive ninguém para segurar minha mão. Ninguém segurou a minha. Ninguém chegou e me falou “olha posiciona o pé assim, alinha ombro com joelho, flexiona a perna e pisa firme tal tal tal” Eu só caía e os caras ficavam rindo. Eai chegou um momento, depois de alguns anos, eu tava andando na mini ramp e essa mesma pessoa que riu, ela tava lá. E me disse “nossa ce ta com roleção” e ao invés de falar “ahhh agora vou te rebentar” Deus falou na minha cabeça nítido, foi como se fosse um estalar de

dedo “lembra, era ele”. E eu lembrei que era dele, olhei para ele. E eu falei, não vou ser grossa, não vou ficar com raiva, gritar, pestanejar, e eu lembrei daquela frase e falei “sou eu mesmo, você lembra? Eai veio essa frase “não tenha medo, eu seguro sua mão”. Porque ele não segurou.. quantas meninas hoje, podem ter instrutoras de skate pra ajudar? (Conceição).

Eu nunca andei muito bem de skate porque eu não tinha ninguém pra me segurar. Esse auxílio de segurar a mão, de ter uma mulher perto pra ensinar, inspirar, nunca teve. Hoje em dia, minha filha que também anda, me fala que eu sou a inspiração dela. Mas eu sempre converso com ela e deixo ela ciente que as dificuldades é o que faz a nossa força e a nossa evolução (Weldra).

Conceição, que trabalha também como instrutora de skate, tirou essa frase “não tenha medo, eu seguro sua mão” de uma dificuldade do passado, quando não havia ninguém para segurar sua mão, como uma maneira de motivar as alunas (os) no skate. Paralelamente a isso, Weldra, que no passado se viu sozinha e sem apoio, atualmente, tem sua filha que se inspira na mãe, o que gera um apoio recíproco entre elas. Somado a isso, há relatos sobre eventos organizados por mulheres para mulheres. Foi possível sentir a emoção e a felicidade das entrevistadas contando sobre esses campeonatos.

O Britney 's Crews¹⁶, faz o “ Brota e Convoca” eu fui em SP e no Rio. Fui mais pela alegria de estar com as meninas, andando de skate ali, você não vê competição no olhar das meninas assim, quando é uma parada voltada pras mulheres, todo mundo ganhou, velho, teve menina que deu remada no chão e ganhou tenis, ganhou tenis, ganhou roupa, tipo assim, fodas se você tá mandando manobra ou não, você ta ganhando porque você tá ali e isso é o mais doido. Você quer incentivo melhor que isso mona?? Não tem. Faz você criar um apego tipo, cara, eu quero tá com as meninas! Não é nem pela premiação, é pelo rolê (Jamille).

Então, eu também faço parte das AFESP, Associação Feminina do Skateboard, que é la de são paulo, então, a gente faz os campeonatos, fizemos um campeonato com 190 mulheres. Foi em 2019. Narradora mulher, toda área mulher, desde narradora, juíza, som era mulher, dj mulher, videomaker mulher. Tinha esse tanto de mulher junta, fazendo o mesmo serviço que homem faz. E foi assim, o campeonato mais top que já participei da minha vida! Foram oportunidades criadas por mulheres e que elas correram atrás para acontecer (Conceição).

Levando em conta a organização desses eventos, podemos observar como uma resposta é uma maneira das mulheres se manifestarem, de certa forma, *remar* contra

¹⁶ Para título de conhecimento, crews, traduzido do inglês, significa grupos, são como uma comunidade, que acreditam no mesmo propósito, que se unem para andar de skate juntas.

aquilo que a sociedade tem oferecido. Se por um lado, os campeonatos mistos oferecem premiações desiguais, horários de competições ruins, desrespeito e até mesmo assédio, por outro, elas realizam eventos em que há respeito, valorização, acolhimento e principalmente: muito skate no pé das mulheres! Esse posicionamento, corrobora o pensamento de Foucault (1992), que cita onde há poder, há resistência, e os sujeitos não são meros receptores dos discursos: reagem, negociam e disputam. Outro ponto importante é a identificação com o skate para além de ser somente um esporte, para as entrevistadas o skate é algo que promove inspiração para outras áreas da vida e motivação para enfrentar as dificuldades diárias. Ser skatista faz parte da identidade dessas mulheres, algo que antes era distante, hoje é um estilo de vida, como podemos observar a seguir:

A sensação de continuar andando, é a sensação de conquista né, de vitória. E quando eu comecei a andar de skate, eu nunca imaginei que eu ia gostar tanto. É a sensação de liberdade, de sempre se superar, são vários desafios. As vezes você pensa, nossa vai ser foda quando eu conseguir dropar e quando você dropa você fala CARALHO, dropei. Eu não imaginei que eu ia conseguir. Pra mim, o skate é uma das únicas coisas que eu faço que eu consigo me conectar no presente. É realmente terapia. Quando eu to andando de skate, eu não to pensando em mais nada. Passo que quando eu to fazendo outras coisas, eu sempre to ansiosa, pensando em alguma coisa que eu tenho que fazer, pensando em algo ali do futuro. Então assim, é o esporte que me conecta no agora, no presente. É superação o tempo todo (Rafaela).

É muito doido né, como a gente vai se superando, eu gosto do skate, porque ele me intriga nisso. Tipo cara, se for pensar, em alguns anos atrás eu nunca pensei que eu ia mandar um ollie de from, e eu consigo mandar! Sabe? E é difícil essa porra, pelo menos pra mim! Eu faço um puta esforço, eu erro várias vezes, eu caio várias vezes. Às vezes eu machuco e levanto e tento de novo, isso intriga assim na minha cabeça. Eu acho muito doido esse negócio do impossível, de você fazer uma parada que todo mundo fala que é impossível pra você, que você não dá conta e você vai lá e faz, prova ao contrário. Acho que prova até pra si mesmo, tipo “nossa, eu consigo fazer isso!” E se eu consigo fazer isso, eu consigo fazer milhões de outras coisas na vida. Eu pelo menos fui ressignificando isso na minha jornada, se eu consigo mandar um ollie, eu consigo arrumar um trampo, eu consigo fazer tudo que eu quiser, skate é difícil, mas a gente dá conta! (Maria Julia).

Ambos os relatos sublinham a importância do skate como um meio de auto superação e crescimento pessoal. Maria Julia vê o skate como uma metáfora para a vida, demonstrando que se ela pode realizar algo que parecia impossível no skate, ela pode

concretizar sonhos e vencer novos desafios. Essa perspectiva de provar para si mesma que é capaz de alcançar o que deseja reflete um processo de ressignificação e empoderamento. As voluntárias encontraram no skate não apenas um esporte, mas uma fonte de liberdade, conexão com o presente e um constante lembrete de que são capazes de vencer obstáculos, assim como os que vencem no skate. Nesse sentido, os esportes de aventura podem se configurar como um espaço privilegiado para o empoderamento feminino (Silva *et al.*, 2018).

As experiências compartilhadas ressaltam as dificuldades enfrentadas devido à falta de apoio e incentivo, mas também destacam a força e resiliência que essas mulheres desenvolveram ao longo do tempo. Segundo Schwartz *et al.* (2013), as mulheres, para estarem presentes nas práticas dos esportes de aventura, sempre tiveram que extrapolar inúmeros obstáculos, especialmente aquelas consideradas pioneiras nessas atividades. Podemos ver essa extrapolação nos eventos bem sucedidos realizados por elas, nos mostram que há a necessidade de ter mais espaços para as elas na organização desses campeonatos. Assim como no passado existiam espaços vedados às mulheres e que atualmente são apropriados por elas, o skate também se configura como um desses ambientes. Nesse contexto, a presença feminina não apenas é bem-vinda, mas essencial. É necessário essa união feminina, associada ao empoderamento sendo uma maneira das mulheres conseguirem forças e apoio uma das outras, não dando ouvidos aqueles que dizem que skate não é para elas, o que condiz com a fala da surfista brasileira, Maya Gabeira:

Isso é para minhas irmãs ao redor do mundo. Eu enfrentei ondas gigantes, mais altas que muitos prédios. Já fiquei com medo, ansiosa, preocupada. E eu já ouvi de tudo. Porque eu era a única garota fazendo o que eu fazia. Às vezes eu me questionava, como se talvez eu não pertencesse a esse meio. Para todas as minhas irmãs ao redor do mundo, todas nós pertencemos. Eu não acreditei nas pessoas que queriam me dizer que uma garota não seria capaz de mandar tão bem no mar nessas ondas gigantes. Para todas as minhas irmãs ao redor do mundo, vocês só

tem que aproveitar a jornada e fazer cada onda valer a pena, onde quer que elas nos levem” (Gabeira, 2022).

Conclusão

O presente artigo buscou estudar as relações que se estabelecem entre skate, gênero e os espaços públicos de lazer em Belo Horizonte, de acordo com a perspectiva das skatistas. Em síntese os relatos das voluntárias revelam um cenário repleto de desafios, tanto físicos quanto simbólicos, que dificultam a plena apropriação das mulheres nos locais destinados à prática do skate. A falta de infraestrutura adequada, como a ausência de banheiros e trocadores, junto ao ambiente hostil marcado pelo assédio e discriminação, revela um espaço não convidativo para as mulheres skatistas.

A perpetuação de estereótipos de gênero desde a infância transforma o skate em um esporte visto como masculino, o que contribui para a discriminação das praticantes. A partir das entrevistas, foram identificadas dificuldades que as voluntárias sofrem por serem mulheres skatistas, tais como: a falta de apoio e representatividade nas pistas; a desvalorização do esporte feminino representada por premiações desiguais entre os gêneros nos campeonatos; assédio; o preconceito advindo da sociedade e dentro de casa; falta de tempo ocasionada pelas triplas jornadas de trabalho, entre outras. A construção de um cenário mais inclusivo e equitativo exige esforços contínuos e a implantação de políticas que valorizem e incentivem a participação feminina em todos os níveis do esporte.

Portanto, sugere-se que a comunidade do skate e a sociedade em geral reconheçam a importância de ações concretas para superar as barreiras existentes, garantindo que o skate seja convidativo e seguro para todas as mulheres. Salientamos que, estudos futuros sobre essa temática são essenciais, as questões de gênero, esporte e

lazer são pertinentes e há a necessidade de pesquisas e debates para que tanto as demandas quanto as problemáticas sejam debatidas. Não foi nossa pretensão esgotar todo debate acerca das relações que se estabelecem entre skate, gênero e os espaços públicos de lazer. Todavia, desejamos que este trabalho possa contribuir com os esforços que têm sido feitos para evidenciar um tema tão importante.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n.1, p.11-20, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2889/1525>. Acesso em 01 maio 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004. Acesso em 22 abr. 2024.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (BRASIL). Ministério da Saúde. **Resolução N° 196/96**. Brasil, 10 out. 1996. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html.
- FIGUEIRA, M. GOELLNER, S. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas**, v. 30, n. 3, p. 95-110, maio 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/>
- FIGUEIRA, M. L. M. **Skate para meninas**: modos de se fazer ver em um esporte em construção. 2009.
- FIGUEIRA, M. L. M. Skate para meninas: modos de se fazer ver em um esporte em construção. **LUME Repositório Digital**. 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13203/>.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.
- GABEIRA, Maya. Para Todas as minhas irmanzinhas ao redor do mundo. **The Players Tribune**. 2022. Disponível em: <https://www.theplayerstribune.com/br/posts/maya-gabeira-surf-video-carta-para-todas-irmas>. Acesso em 19 de abr. 2024.
- GIROLDO, N.; SILVA, A.; ROSSETI, F.; TAMASIA, G. Hidratação e Atividade Física. **Revista Saúde em Foco**, Edição n.14, Ano 2022.
- GOELLNER, S. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes **Revista USP**. São Paulo, n. 108, p. 29-38 janeiro/fevereiro/março 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268322317.pdf>.

GOMES, C. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte**, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>

GUERRA, C. Menino brinca de boneca e menina de carrinho? **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v.6, p.137-142. jan./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19890/10617>. Acesso em 30 abr. 2024.

HIROSHI, M. 8 dados sobre o skate que você nem imagina. **RedBull**. 29 de março de 2017. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/instituto-datafolha-confirma-sao-mais-de-8-milhoes-de-skatistas>. Acesso em 12 nov. 2023.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** Editora Vozes, 2019.

LAVILLE, C. DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução: Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MACHADO, G. M. C. As mulheres e o “carrinho”: gênero e corporalidade entre as skatistas. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2013. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2004. Acesso em 10 de abr. 2024.

MELO, V. A. Encontros nas quadras de grama: as mulheres e o tênis no Brasil do século XIX. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, p. e79300, 2021.

MESSNER, M. Sports and male domination: the female athlete as a contexted ideological terrain. In: BIRREL, Susan; COLE, C. (eds). **Women, Sport, and Culture**. Campaign: Human Kinetics, 1994.

MOURA, J. Curso Esporte Delas: **Empoderamento, inclusão e permanência de meninas e mulheres no esporte**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=04CL17Oor00>. Acesso em 22 de abr. 2024.

PERALTA, M. **Ela Encanta**. 2016 (Música).

PESSOA, V. L. de F.; RAMOS, D. da S.; PEREIRA, B. de A.; SILVA, L. P. da; FERREIRA, M. M. Lazer e Favela: Produção do Conhecimento em Periódicos Especializados. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte**, v. 26, n. 3, p. 249–280, 2023. DOI: 10.35699/2447-6218.2023.48247.

PESSOA, Vitor Lucas De Faria. Lazer, natureza e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 7, n. 2, p. 99-113, 2020.

ROCHA, L. L. **“Respeita as mina” o ensino do skate na educação física escolar**. Orientadora: Maria Eleni Henrique da Silva. 2023. 186 f. Tese (Doutorado em

Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/74455>. Acesso em 30 de abr. 2024.

SCHARTZ,G.M; FIGUEIREDO, J.P; PEREIRA, L.M; CHRISTOFOLETTI, D.A; DIAS,V.K. Preconceito e esportes de aventura: a (não) presença feminina. **Motricidade**, v. 9, n. 1, p. 56-67, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/d2efcebe-7287-4516-b559-9d14e18c09af> Acesso em: 7 de jun. 2024.

SILVA, R. L.; CARMO, E. G. do; FUKUSHIMA, R. L. M.; RODRIGUES, N. H.; SCHWARTZ, G. M. A mulher nos esportes de aventura: notas sobre o empoderamento feminino. **Revista Hipótese**, Bauru, v. 4, n. 3, p. 156–176, 2018. Disponível em: <https://revistahipotese.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/354>. Acesso em 7 jun. 2024.

STOPPA, E.; ISAYAMA, H. **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Editora Autores Associados Ltda, 2017.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. **Temáticas**, Campinas, v.22, n.44, p.203-220, ago/dez. 2014.

ZANATTA, M.V. **Mulheres skatistas**: enfrentando barreiras e incentivando a prática do esporte. 2019. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, 2019.

Endereço do(a) Autor(a):

Cecília Isaura de Araujo e Silva
Endereço eletrônico: cecilia.araujo31@gmail.com

Vitor Lucas de Faria Pessoa
Endereço eletrônico: vitorlfpessoa@hotmail.com